

*Sobre a aquisição
do sistema de flexão
do português do Brasil:
a representação morfo-fonológica
dos traços de pessoa e número
nas gramáticas iniciais de crianças brasileiras*

Eunice M. D. Nicolau – UFMG

1

Considerações iniciais

O presente trabalho tem como objetivo principal verificar se os dados de aquisição do português do Brasil (daqui para a frente, PB) fornecem evidências de que, conforme defende Radford (1990), a criança com idade entre 20 e 24 meses ainda não domina o sistema flexional da língua que está adquirindo.

De acordo com Radford – que analisa dados de aquisição do inglês –, a referida faixa etária corresponde ao estágio inicial do desenvolvimento gramatical, que se caracteriza pela ausência de categorias funcionais. Um dos argumentos que o autor apresenta a favor dessa caracterização é a ausência do sistema de flexão nas gramáticas das crianças que se encontram nesse estágio de aquisição, o que teria sido evidenciado pelo fato de as sentenças produzidas por essas crianças conterem:

1 – Formas verbais não-finitas – ou seja, um núcleo que é ou uma forma básica de infinitivo, ou uma forma de gerúndio (terminada em + *ing*), ou uma forma de particípio (terminada em + *n*) –

e isso se verifica tanto na fala espontânea quanto nos contextos de respostas a questões que contêm verbos marcados em relação a Tempo e Concordância.

2 – Formas verbais finitas que não devem ser analisadas como flexionadas, pois: (a) em muitos casos, integram simples “fórmulas” ou enunciados “semi-prontos”; (b) em outros casos, correspondem a *fragmentos* de sentenças encontradas na fala do adulto.

Partindo dessas conclusões, o que se pretende especificamente neste trabalho é, então, verificar se, no referido estágio de aquisição, a criança domina (ou não) a morfo-sintaxe da flexão do PB, tendo-se em vista o sistema flexional da gramática do adulto. Assim sendo, faz-se necessário explicitar dois pressupostos nele assumidos – o primeiro, relacionado à noção de Flexão e o segundo, relacionado à morfologia verbal do PB – o que será feito nos próximos parágrafos.

Para Chomsky (1995), *T* (Tempo) é uma categoria, enquanto *Agr* (Concordância) não tem estatuto categorial; essa posição é a assumida no presente trabalho, de modo que, aqui, *Agr* significa Traço (de Pessoa e Número), especificado na categoria *T* e cuja aquisição significa parte da aquisição dessa categoria. A opção por tal posição deve-se aos seguintes fatos:

1º) Radford considera *T* e *Agr* como propriedades da categoria INFL, adquiridas simultaneamente, mas, além de afirmar que suas conclusões são compatíveis com a teoria segundo a qual *T* e *Agr* são categorias distintas (como propõe Pollock, 1989 e é defendido em Chomsky, 1988b-1993), observa que alguns estudos sobre aquisição de morfemas flexionais já têm sugerido que as flexões de *Tempo* são dominadas mais cedo do que as de *Concordância*.

2º) Num estudo sobre aquisição de uma língua como o português – historicamente considerada na literatura lingüística como mais “rica” do que o inglês quanto à morfologia verbal –, é importante um tratamento detalhado das marcas flexionais e, numa análise de aquisição do PB, esse tipo de tratamento torna-se imprescindível, à medida que:

(i) para alguns autores (Duarte, 1993, 1995; Galves, 1993; Figueiredo Silva, 1994; etc.), o PB teria sofrido sensível modificação quanto à possibilidade de sujeito nulo e isso se explicaria diante do empobrecimento da sua categoria funcional *Agr*, que teria resultado de uma significativa simplificação do seu sistema de flexões verbais ocorrida ao final do século XIX;

(ii) em trabalho anterior (Nicolau, 1995), refuto essas análises; mais exatamente, partindo de resultados de várias análises quantitativas que atestam presença significativa de sujeito nulo referen-

cial na fala de brasileiros, defendo a existência de um *Agr Rico* (ou seja, uma FLEXÃO RICA) no PB, que continua, portanto – à semelhança do português europeu – exibindo essa característica de algumas línguas *pro-drop*;

(iii) essa posição encontra respaldo em inúmeros estudos sobre Concordância Verbal no PB (Pontes, 1972, Mendonça, 1973, Naro e Lemle, 1977, Motta, 1979, Veado, 1980, Melo, 1981, Nicolau, 1984, etc.), uma vez que tais estudos, embora apontem para a existência de alguma relação entre a presença (e a maneira como se dá a realização) de marcas flexionais de Número e Pessoa em formas verbais e o nível socioeconômico do falante, atestam a presença consistente de marca de Pessoa nas formas verbais dessa modalidade do português.

O fato de os estudos acima mencionados atestarem que o sistema flexional do PB inclui representação morfo-fonológica de Pessoa e Número permite supor que: a ausência do sistema de Flexão do PB na gramática da criança no estágio inicial de aquisição deve ser evidenciado pelo não-domínio do uso das formas verbais que, na fala do adulto, apresentam a FLEXÃO morfo-fonologicamente representada.

Essa hipótese é que norteará a análise¹ realizada nos moldes explicitados na Seção 2 e apresentada na Seção 3. A conclusão para a qual essa análise aponta encontra-se na Seção 4.

2 Procedimentos metodológicos

O fato de serem esperadas formas finitas ao lado de formas não-finitas na fala da criança no estágio inicial de aquisição da língua permite tratar os dados desse estágio com procedimentos utilizados no estudo de Variação Lingüística. Assim sendo, os dados de aquisição do PB serão submetidos a uma análise quantitativa (realizada à luz do modelo proposto por Labov, 1972), e alguns resultados parciais dessa análise são apresentados no presente trabalho, através do qual se focaliza a representação morfo-fonológica da FLEXÃO na gramática inicial de criança brasileira tendo-se em vista estas três questões:

¹ Essa análise faz parte de uma investigação sobre O SISTEMA DE FLEXÃO DO PB, que busca a comprovação empírica de que a ausência de marcas de flexão em formas verbais não significa *mudança* no PB e inclui uma segunda etapa, dedicada à análise da flexão na fala de brasileiros de diferentes idades e grupos sociais.

- (1) Com que frequência uma criança, no estágio inicial de aquisição do PB, usa formas verbais *finitas*?
- (2) Que formas verbais *finitas* são usadas mais frequentemente no estágio inicial de aquisição do PB?
- (3) Com que frequência uma criança, no estágio inicial de aquisição do PB, usa formas verbais *realmente flexionadas*, ou seja, formas que permitem dizer que essa criança já domina o sistema de flexão da língua que está adquirindo?

A fala da criança é analisada em contraste com a do adulto; por isso, a representação morfo-fonológica dos traços flexionais é examinada num corpus constituído de 679 dados de fala de uma criança brasileira cujos pais integram a chamada "classe culta" e em outro, constituído de 1.957 dados de fala da mãe dessa criança. No tratamento desses *Corpora*² em função da análise quantitativa, foram consideradas as Variáveis explicitadas a seguir.

A) *Variável Dependente*

1 = formas finitas

0 = formas não-finitas

B) *Variáveis Independentes*

1. Tipo de forma verbal

I = forma simples constituída de Infinitivo não-flexionado: "impessoal" (Ex. *Mexer aí não pode.*) ou "pessoal" de oração final (*Você quer subir na cadeira [para ver lá fora?]*)

S = forma finita SIMPLES

C = forma COMPLEXA INTEGRAL (Ex.: *vou jogar; está jogando; tinha jogado; quis ver; acabou de falar*)

A = forma COMPLEXA MUTILADA contendo só o Auxiliar (Ex.: *vou [e]; está [e]*)

N = forma COMPLEXA MUTILADA contendo apenas Infinitivo e com possibilidade de se recuperar o Auxiliar, presente em forma complexa integral contida em enunciado precedente (*[e] jogar*)

G = forma COMPLEXA MUTILADA contendo apenas Gerúndio (*[e] jogando*)

M = forma COMPLEXA MUTILADA contendo uma forma nominal (I ou G) em oração coordenada a outra, na qual

se encontra o Auxiliar (Ex.: *Vamos tirar a calcinha e [e] tomar banho*)

E = forma COMPLEXA MUTILADA contendo apenas uma forma nominal (I ou G), sem possibilidade de identificação do Auxiliar (Ex.: *Fumar. => quero...? vou...? sei...? posso... fumar?*)

F = simples "fórmula" (i.e. forma codificada como E ou T, na Variável 2)

2. Estrutura lingüística na qual se integra a forma verbal

E = Simples "Fórmula" com verbo "É" significando SIM

T = Simples "Fórmula" com verbo "TÁ" significando SIM

R = todas as outras estruturas, contendo formas verbais (finitas e/ou não-finitas)

3. Tipo de "produção" das formas verbais

R = forma finita contida na fala da MÃE (= repetição)

C = forma finita contida na fala da própria CRIANÇA

N = forma Nova ("produzida") encontrada pela primeira vez na fala da Criança

/ = simples "fórmula", forma não-finita simples

4. Representação da Flexão em Formas Finitas Simples e Complexas (I. C; I. A)

L = forma contendo traços flexionais que têm representação morfo-fonológica realizada lexicalmente, podendo tal realização ser *padrão* ou *não-padrão*

(Ex.: Os meninos *cantavam* / *kã 'tavãw* / ~ / *kã'tavu* /)

N = forma contendo traços flexionais que têm representação morfo-fonológica que não se realiza lexicalmente, de modo que tais formas coincidem com o Tema (R+VT) do verbo (Ex.: *Maria canta* bem. / *Canta*, *Maria*.)

/ = simples "fórmula", forma não-finita (i.e. forma complexa I.N; I.G)

² Esses *corpora* foram constituídos com dados extraídos de sessões gravadas que pertencem ao Banco de Dados do CEDAE/UNICAMP.

Os resultados obtidos

Na medida em que a pretensão era caracterizar a gramática da criança com base na gramática do adulto, a análise quantitativa dos dados de fala da Mãe precedeu a dos dados de fala da Criança. É nessa ordem que os resultados obtidos serão apresentados, a seguir.

Os 1.957 dados de fala da Mãe incluem 51 formas verbais não-flexionadas que são casos nos quais não se prevê a presença de Flexão, ou seja: 45 casos de infinitivo "impessoal" ou infinitivo "pessoal" em oração subordinada final (fator I) e 6 (seis) formas complexas representadas por uma forma nominal em oração coordenada a outra, que contém o Auxiliar (fator M). Nas 1.906 formas em que era prevista, a Flexão está significativamente presente, como mostra a Tabela 1:

Tabela 1
Formas com e sem Flexão, na fala da Mãe

	Nº/ CASOS	%
COM FLEXÃO	1.857	97,4
SEM FLEXÃO	49	2,6
TOTAL	1.906	100,0

A distribuição dos diversos tipos de formas verbais – com e sem Flexão –, em estruturas em que a Flexão é esperada na fala da Mãe, pode ser vista na Tabela 2:

Como mostra a Tabela 2, a fala da Mãe contém 1.377 formas verbais simples, dotadas de Flexão, e 480 formas verbais complexas, das quais apenas 49 não exibem a Flexão, dado que o Auxiliar não está presente.

No que se refere às formas verbais encontradas na fala da Criança, todas flexionáveis, a ausência de flexão é também pouco freqüente, conforme se pode ver através da Tabela 3:

Tabela 2
Formas verbais usadas pela Mãe nas estruturas em que a Flexão é esperada

TIPOS DE FORMAS	C/ Flexão	S/ Flexão
L = forma simples de infinitivo flexionado	38	
S = forma simples finita	1.339	
C = forma complexa integral	434	
A = forma COMPLEXA MUTILADA contendo só o auxiliar	46	
N = forma COMPLEXA MUTILADA contendo só Infinitivo, com possibilidade de se recuperar o Auxiliar		7
G = forma COMPLEXA MUTILADA contendo apenas Gerúndio com possibilidade de se recuperar o Auxiliar		21
E = forma finita complexa mutilada contendo apenas I ou G, sem possibilidade de identificação do Auxiliar		21
TOTAL	1.857	49

Tabela 3
Formas com e sem Flexão, na fala da Criança.

	Nº/ CASOS	%
COM FLEXÃO	600	88
SEM FLEXÃO	79	12
TOTAL	679	100

A distribuição dos diversos tipos de formas verbais, com e sem Flexão, nas 679 estruturas em que a Flexão é esperada na fala da Criança – na Tabela 4, abaixo – mostra que a presença dessas formas também se deve, essencialmente, à ausência do Auxiliar em formas complexas:

Tabela 4
Formas verbais usadas pela Criança nas estruturas em que a Flexão é esperada

TIPOS DE FORMAS	C/ Flexão	S/ Flexão
S = forma simples finita	427	2
C = forma complexa integral	115	1
A = forma complexa mutilada contendo só o auxiliar	58	
N = forma COMPLEXA MUTILADA: Infinitivo		12
G = forma COMPLEXA MUTILADA: Gerúndio		14
E = forma COMPLEXA MUTILADA: I e G, sem identificação Aux		50
TOTAL	600	79

De acordo com esse resultado, a fala da Criança contém 429 formas simples, sendo apenas 2 não-flexionadas, e 250 formas verbais complexas, das quais 76 não exibem a Flexão, já que o Auxiliar não está presente – o que coloca a fala da Criança (com 88% de formas com flexão), à primeira vista, bem próxima à fala da Mãe (com 97,4% de formas com flexão). Esses valores, no entanto, incluem o uso das formas verbais consideradas por Radford como “aparentemente” flexionadas (fórmulas e fragmentos da fala da Mãe) e, se tais casos deixam de ser computados, a frequência de formas flexionadas na fala da criança é significativamente inferior à frequência de formas flexionadas usadas pela Mãe. Além disso, as formas “flexionadas” da fala da Criança incluem um grande número de repetições das formas que a Criança usa por uma primeira vez, de modo que as formas verbais flexionadas produzidas (ou seja, realmente flexionadas) são muito menos frequentes na fala da Criança do que na fala da Mãe, como mostram os percentuais da Tabela 5:

Tabela 5
O estatuto das Formas verbais “flexionáveis” usadas pela Mãe e pela Criança

	Sem Flexão		Com Flexão				Realmente Flexionadas			
	Nº	%	Aparentemente Flexionadas		Fórm – Rep/Mãe – Rep/CR					
			Nº	%	Nº	%	Nº	%		
MÃE	0	49	2,6		178	677	0	44,8	1.002	52,6
CRIANÇA	3	76	12,0		89	353	158	83,9	27	4,1

A análise dos dados tendo-se em vista a representação lexical da marca morfo-fonológica de Flexão também mostra que a fala da Criança está muito distante da fala da Mãe. A distribuição dos 1.151 casos contendo essa representação registrados entre as 1.906 formas flexionáveis da fala da Mãe (que produz 755 formas flexionadas sem marca de flexão representada lexicalmente, ou seja, representada pelo morfema zero) e os 484 casos contendo tal representação registrados entre as 679 formas flexionáveis da fala da Criança (que usa 195 formas aparentemente flexionadas SEM marca de flexão representada lexicalmente) encontra-se na Tabela 6:

Tabela 6
A Representação de marcas morfo-fonológicas de Flexão nas Formas verbais usadas pela Mãe e pela Criança

	Flexionáveis	TOTAL	Com representação				Flexionadas	
			S/Flexão	Básicas	Fórmulas	Repet/Mãe	Nº	%
MÃE	1.906	1.151	0	49	107	---	995	86,4
CRIANÇA	679	484	3	76	85	162	158	32,6

Finalmente, cabe ressaltar que: das 158 formas flexionadas com representação lexical de marcas morfo-fonológicas de Flexão registradas na fala da Criança, apenas 27 formas incluem-se entre as “realmente flexionadas” que figuram na Tabela 5. E, dessas 27 formas, embora em sessões diferentes, a Mãe usa 12, das quais 5 (*acabou, chegou, fechou, ficou e pegou*), assim como 5 das 15 restantes (*achei, guardou, pôe, ponho e tirei*), são formas verbais utilizadas para

expressar ações ou eventos no momento em que acontecem, ou acabaram de acontecer (Ex: a Criança pega um objeto e diz: “pegô”) – isso sugere que tais formas são, também, formas *prontas*, que a Criança simplesmente associa a situações pertinentes.

4

Considerações finais

O PB falado por adultos da “classe culta” apresenta um paradigma verbal que inclui os traços de Pessoa e Número manifestados através de diversas marcas morfo-fonológicas. Os resultados da análise quantitativa de 679 dados de fala de uma criança brasileira, com idade entre 20 e 24 meses, e de 1.957 dados de fala da sua mãe (que integra a referida “classe”) mostram que essas marcas, freqüentemente utilizadas pela Mãe, ocorrem também na fala da Criança, que usa:

1) com relativa freqüência, formas sem flexão (infinitivo e gerúndio) em lugar de formas verbais complexas, que incluiriam formas flexionadas dos verbos Auxiliares;

2) em altíssima freqüência, formas verbais apenas “aparentemente flexionadas”, ou seja, que, embora contenham as referidas marcas: (i) são simples *fórmulas* (*é* e *(es)tá* significando SIM); (ii) ocorrem na fala da criança após terem sido produzidas pela Mãe; (iii) incluem um grande número de repetições de formas usadas pela própria Criança; (iv) coincidem com o Tema, por não exibirem marcas morfo-fonológicas de Flexão lexicalmente representadas.

Esses fatos permitem afirmar que a fala da Criança aqui analisada revela que essa Criança ainda não adquiriu o Sistema de Flexão do PB. Assim sendo, os resultados apresentados podem, portanto, ser interpretados como evidência de que, como propõe Radford (1990), o período entre 20 e 24 meses de idade corresponde a uma fase do processo de aquisição na qual a gramática da criança se caracteriza pela ausência do Sistema Flexional – ou, mais exatamente, a criança ainda não domina a morfo-sintaxe da flexão – da língua que está sendo adquirida.

Referências bibliográficas

- ASSIS VEADO, Rosa M. *Comportamento lingüístico do dialeto rural*. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado, 1980.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- . *The minimalist program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N., LASNIK, H. *Principle and parameters theory*. In: JACOBS, J., STECHOW, A. van, STERNEFELD, W., VENEMANN, T. (eds.) *Syntax: an international handbook of contemporary research*. Berlin: Gruyter, 1993.
- DUARTE, M. E. L. Do pronomo nulo ao pronomo pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I., KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, UNICAMP, 1993. p. 107-28.
- . A perda do princípio “Evite Pronome” no Português Brasileiro. Campinas: UNICAMP, Tese de Doutorado, 1995.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. La position sujet en Portugais Brésilien – dans les phrases finies et infinitives. Université de Genève, Tese de Doutorado, 1994.
- GALVES, C. C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro”, In: ROBERTS, I., KATO, M. (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEMLE, M., NARO, A. J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro: MOBRAL, Ford, 1977.
- MARROQUIM, Mário *A língua do Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1935.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- MOTTA, E. *Escolarização e variação lingüística*. Diss. de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 1979.
- NARO, A. J., LEMLE, M. Syntactic Diffusion. *Ciência e Cultura*. v. 29, n. 3, p. 259-268, 1977.
- NICOLAU, E. M. D. A ausência de concordância verbal em português – uma abordagem sociolingüística. Belo Horizonte: UFMG, Dissertação de Mestrado, 1984.
- . As propriedades de sujeito nulo e ordem V-S no Português Brasileiro. Campinas UNICAMP, Tese de Doutorado, 1995.
- POLLOCK, J. Y. Verb movement, UG and the structure of IP. *LJ* 20. p.365-424, 1989.
- PONTES, E. *Estrutura do verbo no português coloquial*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- RADFORD, A. *Syntactic theory and the acquisition of English syntax*. Basil Blackwell, Oxford/UK, 1990.